



Revista Mulemba  
e-ISSN: 2176-381X  
v.16, n.30, e202464828, 2024

DOI: 10.35520/mulemba.2024.v16n30e202464828

Dossiê

# Um pequeno tríptico literário: “Olhos deslumbrados”, de Fernando Couto

Edimilson Moreira Rodrigues<sup>1</sup>

*A poesia é um instrumento de precisão para fixar a reacção  
de um Homem à vida.*

Louis Mac Neice (*apud* FENSKE, 2015)

## Na Voragem do Olhar – O Enredo Contínuo

A magia da palavra, o convite ao banquete das reminiscências infantis, a articulação dos sentidos envoltos na argúcia do verbo literário encontramos em Fernando Leite Couto, na delicada tessitura dos fios de sua criação – símiles à vivacidade infantil –, de que é exemplo seu poema “Olhos deslumbrados”. O poeta Fernando Couto nasceu em Rio Tinto, Porto, em 1924, tendo emigrado para Moçambique nos anos 1950, onde, mais tarde, teve papel relevante no jornalismo e na divulgação da poesia moçambicana, tendo sido coordenador da coleção “Poetas de Moçambique” (Saúte, 2004, p. 127).

### Editores-chefes

Carmen Lucia Tindó Secco  
Vanessa Ribeiro Teixeira

### Editores Associados

Ana Mafalda Leite  
Celso Muianga  
Sara Laisse

<sup>1</sup> Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Maranhão, Mestrado em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão e Doutorado em Letras pela Universidade Federal Fluminense. É professor de língua e literatura espanhola do Centro de Ciências de São Bernardo da UFMA. Líder do Grupo de Pesquisa AXOLOTL. Tem experiências nas áreas de letras, com ênfase em literaturas espanholas, brasileiras e africanas de expressão portuguesa e espanhola e, ainda, literatura infantil e juvenil de África, Brasil e Espanha.

Fernando Couto é autor das obras: *Poemas junto à frente* (1959), *Jangada do inconformismo* (1962), *O amor diurno* (1962), *Ficções para um retrato* (1971), *Monódia* (1997) e *Os olhos deslumbrados* (2001). Dessa fortuna literária surgem nossas provocações desde o poema:

### **Olhos deslumbrados**

São estes ainda,  
os olhos da infância,  
deslumbrados,  
deslumbrando-se,  
aos milagres da vida:  
a intacta pureza das crianças,  
os luminosos rostos feminis,  
a limpidez das nascentes,  
as cambiantes do fogo...  
tudo, tudo quanto é beleza  
ou lhe deslumbram beleza  
os olhos deslumbrados.

(Couto, *in* Saúte, 2004, p. 128)

A poesia de Fernando Couto vinca os contornos do tempo, iluminando o estatuto e a condição do humano. Funde, pois, palavra e magia na forja da linguagem, e, tal como na literatura do brasileiro Manuel Bandeira, o cotidiano é, para a obra do autor, o que o olhar, ou a voragem do olhar, ou a absorção do olhar, é para o fazer literário – um ato de deslumbramento. Nesse poema, como em parte da produção literária de Couto, quase tudo é captado do cotidiano, absorvido pela luz e pelo movimento, pela cor e pela forma que se espessam no adensar dos sentidos.

Eis, pois, um autor de apurada verve literária, cuja sensibilidade é a de um homem ilhado no poder da palavra que emana do viver centrado na delicada engrenagem dos fios da criação. Os sentimentos do humano se igualam à realização mais íntima, mais secreta, que é o fulgor das sensações – sexual, carnal e sentimental, sem olvidar, claro, o território do inefável que, em Couto, se condensa na moldura da metáfora que liberta a palavra e o ser, outrora presos, no cárcere da imagem.

Temos, assim, uma poética que contorna as escarificações do ser para saná-las com a consciência e o rigor da arte literária que prima pelo olhar do artista sábio e sóbrio. Poética, na qual o poeta participa como homem e como artífice da palavra na consolidação do tempo da criação que esmerila os olhos como instrumento de poesia.

O teórico Antonio Candido (1997, p. 69) nos diz que “certas manifestações da emoção e da elaboração estética podem ser mais bem compreendidas, portanto, se forem referidas ao contexto social”. Assim, importa destacar que a poesia em análise é

fruto de uma vivência na sociedade moçambicana, mas, no entanto, reflete, também, as invencionices poéticas de qualquer espaço e contexto social.

O poema, como todo tríptico artístico, desce fundo às travessias imagéticas do humano, pois, a estratégia de linguagem leva poesia e poeta a espaços vários da geografia literária. A poética de um tempo pretérito é arquitetada na engenhosidade da arte moçambicana, nutrindo-se das metáforas que irrompem da arte literária universal que dimana por fronteiras imaginárias entre a “emoção e a elaboração estética”.

A ideia postada no tríptico, desde os três versos finais, evoca as relações com o objeto artístico em sua dimensão significativa. O triângulo, unidade do três, é, também, suposto para o entendimento do poema, visto que equilibra os enunciados como numa redenção que busca a infância como perfeição. Desse modo, tomamos, como base, a palavra “milagres” e, no primeiro vértice, da esquerda para cima, convergem as palavras criança/fêmea; na parte superior do vértice, as palavras água/fogo; e, no terceiro, no vértice esquerdo, temos vida/beleza.

A criação infantil tem forças no desejo, nos sonhos, no albor da memória que é recuperada na poética do olhar de Fernando Couto, cuja voragem da criação divisa o conflito fundamentalmente interno do homem, buscando reencontrar a criança que foi, fazendo com que esta ganhe expressividade para poder melhor dizer do homem em que se tornou.

Há, no poema, um diálogo dramático entre dois seres – um que permite reelaborar a história emocional dos fatos da criação: a criança; e outro, o adulto, que metamorfoseia a criação, no contexto da infância, com os sentidos da invencionice literária, afirmando que “as metamorfoses do olhar não revelam somente quem olha; revelam também quem é olhado, tanto a si mesmo como ao observador” (Chevalier e Gheerbrant, 1999, p. 653).

Couto compõe uma poesia comprometida com os sonhos e devaneios decalcados dos olhos da infância, visto que os olhos deslumbrados da criança derramam, sobre o social, as experiências expressivo-linguísticas, a descoberta do lúdico, a ternura de um momento captado no evanescente, quando o autor, num modo idiossincrático de escrita do poema em análise, articula vida social e vitalidade verbal.

Por esse prisma, a linguagem infantil desvela mundos fascinantes, no drama estético da reelaboração: o fazer poético se reestrutura na magia da criança, como a declarar – “Agora escrevo. E se escrevo./ É porque imito o canto/ desse fruto já homem” (Baptista, *in* Saúte, 2004, p. 394).

O presente artigo será dividido em três momentos. No primeiro, interpretaremos os cinco primeiros versos, como um retábulo do itinerário de leituras. Nos quatro versos seguintes, segundo retábulo, elaboraremos ideias sobre o deslumbre: criança, feminis, nascentes, fogo e suas implicações na construção visível do “milagre da vida”. Nos três últimos versos, na magia do retábulo conclusivo, demonstraremos

as nossas (in)certezas, reconstruindo o texto em sua estrutura, realçando-o como pequeno retábulo poético, no mosaico de criações de Fernando Couto.

Dito assim, a produção aqui desenvolvida é aquela que perscruta a ação do sujeito literário, símile ao ser de tenra idade, como enredo contínuo do artífice da palavra – o poeta. A metodologia utilizada procurará, pois, descortinar situações sociais do sujeito nas veias em fúria do sentir histórico e literário, concatenados desde o poema “Olhos deslumbrados” (Couto, *in* Saúte, 2004, p. 128).

Com base nos excertos atomizados, poderemos afirmar que o prazer estético e o fascínio pelo conhecimento estão aí presentes, quando do texto emanam imagens artisticamente elaboradas pelo eu-lírico que “tranquilo e devagar entr(a) na aldeia” (Couto *in* Leite, 2007, p. 28), metáfora da própria linguagem.

Sob a orientação dos ensinamentos de Nelly Novaes Coelho sobre a análise da poesia, fragmentamos o texto de Fernando Couto em três segmentos, buscando a compreensão de que,

A análise de texto atomiza o texto poético, fragmenta-o em seus vários elementos constitutivos. Destrói de início a beleza e emoção do poema, para que, numa síntese final, com suas partes outra vez reintegradas no todo, o poema surja aos nossos olhos muito mais rico em suas significações e muito mais belo em sua dimensão criadora. (Coelho, 1986, p. 51).

A primeira análise “atomiza” os cinco primeiros versos, destacando o que precede os dois pontos: os olhos plenos das elucubrações adjetivadas, que abrem a sequência ao definir, ao longo do texto, os “milagres da vida”.

## Retábulo 1 – No itinerário da iniciação

São estes ainda,  
os olhos da infância,  
deslumbrados,  
deslumbrando-se  
aos milagres da vida:

(Couto, *in* Saúte, 2004, p. 128)

Quando o poeta diz “deslumbrados”, observamos a recepção do mundo, em primeiro alumbramento, e, depois de “deslumbrando-se”, há uma reelaboração do absorvido pelo olhar que aparece como símbolo e instrumento de uma revelação: a poética do mundo. Vale afirmar que o pronome “estes” evidencia a potencialidade das metáforas simples e singelas albergadas em “olhos”, “infância”, “milagres”, “vida”.

No texto de Couto, a poesia é testemunha da criação, da revelação como “milagre”, pois “são estes ainda” o constructo do interlúdio que separa tempo e sujeito, na emanção da canção poética, como espólio da invenção que será deslumbrado pela infância, ao deslumbrar-se diante das odisséias da vida, como “milagres”, no deslumbre dos sujeitos em processo de formação: a criança e o poeta, personagens da poética do fantasiar.

Na criação do literário, Fernando Couto “reproduz e determina, com penetração compreensiva e linguagem adequada à matéria, a estrutura íntima, as normas estruturais peculiares, segundo as quais uma obra literária se processa, se divide e se constitui de novo como unidade” (Staiger, *in* Candido, 2006, p. 28) e revelação dos atributos do verbo/poesia. No excerto do poema em análise, há um “desdobramento verbal” da figura de estilo, amplificação, isso porque o poeta desenvolve o nível do pensamento, a partir das circunstâncias do enunciado (“milagres da vida:”), o qual se amplifica à conclusão em “tudo”.

O olho, no poema em questão, é o responsável pela captação da energia do mundo em matéria da palavra poética, onde culmina o ponto de convergência das imagens que brotam do poema e dele se afastam para buscar o ser que olha o mundo, no sentido pleno da palavra metáfora – através da criança que percebe o olhar como processo de construção, na apoteose cíclica das descobertas: “deslumbrando-se”.

Nesse poderoso ato cíclico, o roteiro de travessias de temporalidades: sociais, históricas e literárias (in)forma que há constantes e lógicas relações de contiguidade, tempo/olhos, infância/deslumbre, que figuram como sinédoques dos sujeitos: o momento da escrita recupera o tempo vivido, visto e revisto pela retina do olhar; a tenra idade da infância designa o mais intenso, como parte do todo, na sinédoque de longo alcance – “os milagres da vida”, melhor, o milagre da poesia.

Poema e poeta coexistem na feitura dos versos dentro da usina do ser e fazer, visto que, mesmo adulto, o sujeito lírico compreende que o reino da invenção está ainda lá, nos “olhos da infância, como uma intacta pureza, ou como embrião revelando – “o estado prévio à obtenção do conhecimento” (Chevalier e Gheerbrant, 1999, p. 302), no caso, o literário que o desperta para olhar, como outros poetas africanos, o mundo da infância, como manancial da criação – “Bebo um barco que ao longe passa/ e traz-me inevitavelmente/ uma sensação de infância” (Velhinho *In: Apa et al.*, 2003, p. 175).

Nesse uso solene de orquestração da linguagem, os poetas elencam a palavra desde o objeto olhado, escandido pela sensibilidade que se engravida no universo infantil, com palavras/imagens vivificadas no social, mas captadas desde o olho como “símbolo de conhecimento, de percepção sobrenatural” (Chevalier e Gheerbrant, 1999, p. 653), imagens propiciatórias à leitura do mundo.

## Retábulo 2 – Visibilidade dos milagres da vida

a intacta pureza das crianças,  
os luminosos rostos feminis,  
a limpidez das nascentes,  
as cambiantes do fogo...  
(Couto *In*: Saúde, 2004, p.128)

Na progressão das ideias, o uso dos adjetivos certifica a substância do fazer poético através do ser que as recupera, na magia do olhar vivaz das “crianças”, posto que, como enunciado desde o deslumbre inicial do poeta (“os olhos da infância”), liberam o veio da reflexão. Esta habita o consciente do autor que a iguala ao eu-poético em sua magistral comparação. O que sente consegue expressar como poeta que escreve com a pureza infantil na descoberta das palavras, em permanente durabilidade – “a intacta pureza”.

Em “os luminosos rostos feminis”, percebe-se a delicadeza que dá coesão ao símbolo do fogo, qual abrasamento das ideias, claridade dos noviços, que serão incendiados desde a sedução do sintagma “feminis”, cujo sentido é associado, pelo poeta, à infância, ao fogo, à certeza do contínuo humano.

O poeta reelabora os sentidos do vivido percebidos em forma de poesia que, no poema, mergulham no mar da infância. O fogo como símbolo de transformação, qual a imagem da criança, transcende as fases, cresce, toma altura, vibra e morre. Ele transforma o solo na acirrada reviravolta de trazer alimento certo da renovação, pois, através de um rito de purificação – “os incêndios dos campos *que se adornam, após a queimada, com um manto verdejante de natureza viva*” (Chevalier e Gheerbrant, 1999, p. 441, itálico dos autores) –, certifica o deslumbre da vida.

Os “deslumbrados”, desde “rostos”, primeira apropriação do olhar ao humano, confirma a sedução iluminando a vida. O princípio antagônico desde a sutil inversão, singular, plural dos artigos, dualiza feminino e masculino, nos conectivos “a, os, a, as” que dimanam os vigentes – criança, rostos, nascentes, fogo.

Antonio Candido nos declara que “Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma ‘expressão’” (Candido, 1985, p. 139). A intuição de que tudo se regenera, desde a metáfora do fogo, aqui comparada ao elemento da infância, torna a obra do autor “uma confiança” partilhada com o esforço do pensamento que concebe o solidário ígneo como rito de passagem – criança/homem.

Dito assim, com a aquiescência do texto de Eduardo White, o elemento fogo, como símbolo caro à criação poética, confirma o sentido da palavra em ardência de renovação: “O fogo arde como se quisesse fugir do chão,/ das suas caveras metalúrgicas,/ ascende ao impulso dos foguetões,/ à infância astral, à casa solar” (White, *in* Apa *et al.*, 1983, p. 245).

Em “as cambiantes do fogo” temos o retorno ao *locus* inicial, “à infância astral”, marcante nos dois poetas. Visto que o fogo, como o homem que perscruta a infância, “opõe-se,/ insubmisso, a morrer” (White, *in* Apa *et al.*, 1983, p. 245). O poeta capta o brincar com palavras como algo que resiste ao tempo e aos ditames da própria vida infantil, qual símbolo de pureza, na cri(ação) infantil/poética: a “intacta pureza das crianças”.

A regeneração, vida que alberga a infância, está pactuada em “rostos feminis”, através da simbologia do feminino, que proporciona perceber a beleza que culmina com o contato dos corpos, quando “os olhos” tecem a aliança. O iluminado, pelo contínuo dos seres, é marcante na certeza de que os homens se encontram, desde a metáfora bíblica que apregoa: “e no princípio fez-se luz”, simbolizado no verso – “luminosos rostos”.

O ritual do religioso e a limpidez estão marcantes em nascimento que são renovação e descoberta, clareza e iniciação. Aqui, o étimo “nascentes” tem dualidade de sentidos: o que nasce simbolizado na criança, e o que gera vida como símbolo da “limpidez das nascentes”, a água.

No percurso das águas das nascentes, visualizamos o mar, como certificação de outro contínuo que é mediação de nova vida, mas também morte, em função da água salgada. Idem para o percurso da infância, pois o homem que, “nas cambiantes” do tempo, gesta a pureza das coisas, tempera com o sal das lembranças o princípio antagônico da criação: nascente/morte.

No verso “as cambiantes do fogo...” o poeta afirma que ele, o fogo, aquece e transforma a vida em alimento; simboliza, ainda, o calor primeiro, a combustão dos corpos, a feição do revelado, a iluminação que ausculta o fulgor do desejo. O fogo aquece e clareia os trajetos, doa vida e morte, nas ações cambiantes do ser.

O fogo, aqui, faz a cesura do perdido, o que dá vitalidade, doa o signo da forja ao alquimista da linguagem, o poeta, posto que “O homem é fogo, diz São Martinho; *sua lei, como a de todos os fogos, é a de dissolver (seu invólucro) e unir-se ao manancial do qual está separado*” (Chevalier e Gheerbrant, 1999, p. 440, itálico dos autores). O fogo/homem, no texto, é práxis da vida adulta captada pela pedagogia infantil.

## Retábulo 3 – Na magia da conclusão

tudo, tudo quanto é beleza  
ou lhe deslumbram beleza  
os olhos deslumbrados.

(Couto *In: Saúte*, 2004, p. 128)

O signo da beleza está imantado em dizer que tudo que é belo é captado no deslumbre do olhar, como no tempo da infância. No entanto, o que ainda não o é, na magia da arte, ganha beleza. O deslumbrar é absorvido pelo poder da invenção da arte que transforma a

experiência infantil em matéria de poesia, comparada ao processo de concepção, gestação, crescimento e morte. Processos que são transformados em momentos de reflexão e beleza, quando captados pelo olhar e seus desdobramentos.

Vocacionado a escandir o olhar, o poeta predestina a aventura do humano poético que ainda existe em todos os seres. Ele é, pois, o sujeito que tem o domínio dos instrumentos que representa, na ordem da criação literária, o saber da interioridade e o sentir da exterioridade dos seres.

O espaço das descobertas, envolto no magma da beleza, está margeado pela sensibilidade da criação, posto que “O olhar é o instrumento das ordens interiores: ele mata, fascina, fulmina, seduz” (Chevalier e Gheerbrant, 1999, p.653).

Em “Olhos deslumbrados”, o verso síntese dá título à obra, onde o poema foi originalmente publicado. Dessa forma, o livro *Os olhos deslumbrados* é criação e recriação da imagem epigráfica do poema que, por sua vez, reduplica títulos. Eis, pois, um duplo aspecto do enigma da criação imagética de Fernando Couto.

Esse texto revela, assim, “um reator e um revelador recíproco de quem olha e de quem é olhado” (Chevalier e Gheerbrant, 1999, p.653), pois o lado dual que une criança e adulto, criação e recriação, homem e poeta, traz o espelhamento que reflete dois seres.

Desse modo, o dual está presente em todo o texto. A expressão remete ao que está junto e ao que se separa do outro, como o ser infantil que, no momento da criação, retorna, supostamente, ao homem, com vistas à construção do mundo literário que permite o uno, cotejando a recuperação do tempo da infância através do olho, “símbolo da percepção intelectual” (Chevalier e Gheerbrant, 1999, p. 653).

Temos, pois, no verso, criador e criatura, como germe da evolução criadora, na temática que enlaça criança e poeta. Nessa dualidade, o título reduplica o estado de transição, infantil e poética, na ambivalência das etapas entre (re)invenção e (re)criação. Assim, o poema como mote de criação do livro se equipara às fases da criança, como retorno ao estado embrionário da dupla invenção humana e artística, ambas visíveis no poema.

Fernando Couto é um escritor de inteligência aguda e poderosa, maneja as palavras como alquimista da sensibilidade; nela aloja os rigores da emoção, doando “fogo e vida” como emblemas dos deslumbres, na ressonância de um tempo/criação que urge resgatar para não esquecer – a infância.

Sua poética revela a excepcional eficácia expressiva de tudo quanto é traduzido pelos “olhos deslumbrados”, posto que encontramos rastros de uma infância que exprime momentos lúcidos e lúdicos, na moldura de um período que se reelabora nos signos da poesia.

O sujeito poético reafirma, assim, que “a literatura de imaginação ou de criação é a interpretação da vida por um artista através da palavra” (Coutinho, 2008, p. 49), sendo, por conseguinte, uma descoberta na forma do dizer, que se transforma em poemática das emoções, artesanaria de linguagem singela, transbordante de adjetivos evanescentes: “intacta pureza”, “luminosos rostos”, “limpidez”, “cambiantes” que culminam em “tudo, tudo quanto”.

O tema central do poema, os deslumbres da vida, é reduzido ao que o poeta considera como milagres – crianças, rostos feminis, nascentes, fogo. Depois dos dois pontos, a enumeração ganha vitalidade pela coesão do uso do verbo inicial: ser – “são estes”. Dito assim, pela escolha lexical do verbo ser, o poeta esmera sua arte em objetos fixos pelo poder do verbo.

É notório que Fernando Couto “revela-nos algo fundamental para a compreensão da literatura através dos tempos: os séculos passam, as civilizações se sucedem, as formas de vida e de arte se transformam, mas os impulsos básicos da condição humana continuam os mesmos” (Coelho, 1986, p. 108), qual milagre da criação: humana e artística. Milagre que leva o ser humano à realização interior, o homem como ser individual, o que o faz encarar e perscrutar os mistérios da condição humana através da arte, que o insere, também, em uma dimensão social.

Quando da estratégia conclusiva em “Tudo, tudo quanto é beleza/ ou lhe deslumbram beleza/ os olhos deslumbrados”, o verbo ser, através da zeugma, doa, em conclusão, um dos aspectos verbais mais importantes que “é o seu esforço por fixar a essência psicológica do tempo” (Coelho, 1986, p. 91-92). Além disso, como princípio onipresente no poema, a metáfora infância, oculta no verso final (“os olhos deslumbrados”), proporciona o enlace com o primeiro verso “olhos deslumbrados da infância”. Ou seja, o verso final, além da omissão do verbo ser, omite “da infância”, concluindo o poema com o poder da “metáfora hiperbólica”, (Tasende, 2000, p. 475), “da infância”.

Dito assim, na fixação dos sentidos da escrita/criação, o significado de “são” define o manancial do que é a beleza, no universo da linguagem como possibilidade de recompor o trânsito do tempo e das coisas, posto que o verbo “é a palavra que surge para dar nome à Vida em seu fluir constante” (Coelho, 1986, p. 92, maiúscula da autora). Vale o destaque, também, para a reiteração do elemento intensificador, “Tudo, tudo quanto é beleza” (negrito nosso), que ara o solo da linguagem para declarar, são “os olhos deslumbrados”.

O “tudo” nos desperta a pensar na matéria cantada, desde o modo como o poeta expressa a dinâmica da vida, a beleza de um estado que origina o fluxo da consciência, a excelência do viver em sua plenitude, que, por fim, está “indicando uma ação objetiva que todo mundo pode praticar” (Coelho, 1986, p. 91), ou seja, a arte literária como participação na dinâmica da vida, ao fixar a essência dos que têm “os olhos deslumbrados” da infância.

## Síntese Final – Retábulos Reintegrados

Nossa análise demonstrou que a obra se estrutura pelos signos – “Olhos”, “infância”, “fogo”, que, literariamente conotados, culminam na revelação da vida infantil como metafórica fonte/nascente de criação. Nesse périplo da transformação, entendemos que “uma obra literária se processa, se divide e se constitui de novo como unidade” (Staiger, *in* Candido, 2006, p. 28), visto que o tempo da infância, assim como o tempo da criação poética se constituem como unidades criadoras.

Posto assim, depois das reflexões de Nelly Novaes Coelho (1986), é hora de reintegrar as partes ao todo do poema. E, nesse caso, nossa leitura contribuiu para afirmar que, no texto de Fernando Couto, o olhar funciona como um ícone poético a desvelar o fascínio da vida, invocando o ser criança que ainda há no homem como há, também, no poeta, simbolizado desde o ato do olhar que lhes confere (ao homem e ao poeta) eficácia, uma vez que “O olhar é carregado de todas as paixões da alma e dotado de um poder mágico” (Chevalier e Gheerbrant, 1999, p. 653).

O texto ratifica a força que emana dos escritos de Fernando Couto, no que o poema recupera a vida sensível captada, tanto do olhar vivificante do poeta, como da “intacta pureza da criança”, afirmando que o escrito é tão ou mais importante quanto o vivido. Pois o escrito traz a força da liberdade, a vocação em escrever a vitalidade da vida recriada no literário, através dos

### **Olhos deslumbrados**

São estes ainda,  
os olhos da infância,  
deslumbrados,  
deslumbrando-se,  
aos milagres da vida:  
a intacta pureza das crianças,  
os luminosos rostos feminis,  
a limpidez das nascentes,  
as cambiantes do fogo...  
tudo, tudo quanto é beleza  
ou lhe deslumbram beleza  
os olhos deslumbrados.

(Couto *In*: Saúte, 2004, p. 128)

Em suma, no poema “Olhos deslumbrados” entrelaçam-se as coordenadas de tempo e lugar (estes), vida e morte (água/fogo), criação e pureza (feminis/criança), estética e beleza (cambiantes/deslumbrados), renovação e claridade (nascente e infância). Nessa fragmentação, no albor da enunciação do texto poético, o lemos “como forma suprema de atividade criadora da palavra” que objetiva o “acesso a um mundo de excepcional eficácia expressiva” (Candido, 2006, p.19).

Por fim, após a cesura do texto “Olhos deslumbrados”, de Fernando Leite Couto, o percebemos como “um instrumento de precisão (que fixa) a reação de um Homem à vida”, pois, depois da análise/reação, desejamos que – “o poema surja aos nossos olhos muito mais rico em suas significações e muito mais belo em sua dimensão criadora” (Coelho, 1986, p. 51).

## Referências

- APA, Livia; BARBEITOS, Arlindo; DÁSKALOS, Maria Alexandre. *Poesia africana de língua portuguesa*. Antologia. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.
- CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- CHEVALIER, Jean; GHEEBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- COELHO, Nelly Novaes. *O ensino da literatura*. São Paulo: Quíron, 1974.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura & linguagem: introdução aos estudos literários*. São Paulo: Edições Quíron, 1986.
- COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- COUTO, Fernando. *Rumor de água* (antologia poética). Organização de Ana Mafalda Leite. Maputo: Editorial Ndjira, 2007.
- DE MAN, Paul. *Alegorias de la lectura*. Lenguaje figurado en Rousseau, Nietzsche, Rilke e Proust. Barcelona: Lumen, 1977.
- FENSKE, Elfi Kurten (org.). *Fernando Leite Couto: uma voz cheia de vozes*. Templo cultural. Disponível em: <https://www.elfikurten.com.br/2015/05/fernando-leite-couto.html>. Acesso em: 27 agosto 2023.
- KNOPFLI, Rui. *Memória consentida: 20 anos de poesia (1959/1979)*. Lisboa: Casa da Moeda, 1982.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. Trad. José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- NOVAES, Adauto. *Artepensamento*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- RESENDE, Vânia Maria. *O menino na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- SAÚTE, Nelson. *Nunca mais é sábado*. Antologia de Poesia Moçambicana. Lisboa: Dom Quixote, 2004.
- TASENDE, Ana María Platas. *Diccionario de términos literarios*. Todos los términos imprescindibles para conocer y entender la literatura. Madrid: Espasa Calpe, 2000.